

PANORAMA DA CRÍTICA LITERÁRIA NO SUPLEMENTO CULTURAL DO JORNAL *A TARDE*

Jocevaldo Lopes Santiago¹

Rachel Esteves Lima²

Resumo: Este trabalho objetiva identificar e analisar a produção de textos sobre a crítica no suplemento Cultural do jornal *A Tarde*. Buscou-se na pesquisa da qual resultou este ensaio verificar se a inexistência de polêmicas, resenhas e textos metacríticos no diário estudado se conectava com a alegada “crise da crítica” em outros periódicos. O prestígio dessa atividade nos jornais ocorreu entre 1940 e 1970. Contudo, em 1980, a efervescência crítica de outrora dá lugar aos ensaios e às resenhas de livros. É nesse contexto de decadência da crítica nos diários que em 1990 sai a primeira edição do suplemento Cultural do jornal *A Tarde*. Pretende-se, pois, refletir sobre o suplemento desse periódico no contexto das mudanças ocorridas na crítica literária nos últimos 30 anos, assim como entender a conjuntura política e cultural baiana desse período.

Palavras-chave: Jornal *A Tarde*, crítica literária, suplementos literários

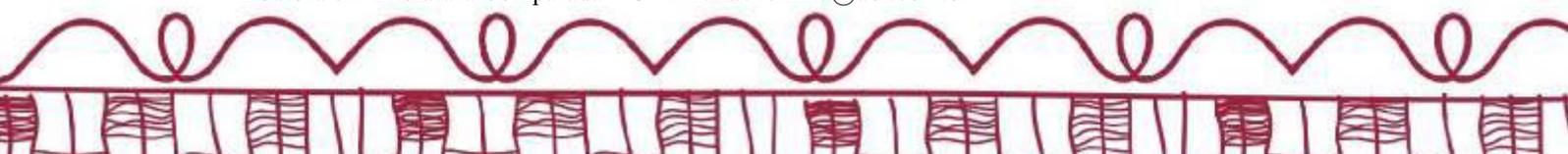
Já podem ser consideradas um lugar comum na história da crítica literária brasileira as nostálgicas queixas quanto ao fim do prestígio de que ela era detentora até os anos 40 e 50.

Rachel Esteves Lima

A epígrafe indica mais ou menos o que será tratado neste ensaio. Entretanto, se faz necessário esclarecer que tais nostalgias não se referem a todo o campo da crítica brasileira, mas, sim, à perda de espaço desta na imprensa. Críticos e pesquisadores do assunto, como Affonso Romano de Sant’Anna, Wilson Martins, Alberto Dines, Silviano Santiago e Flora Süssekind sinalizam para a redução da crítica nos jornais, que começou nos rodapés e chegou à sua forma mais evoluída com os Suplementos Literários.

¹ Letras Vernáculas – UFBA / jo.akotan@gmail.com

² Doutora em Literatura Comparada – UFBA / rachellima@uol.com.br



No geral, nossa pesquisa está inserida na conjuntura de demissão de críticos especialistas oriundos das universidades, bem como no contexto de fim dos suplementos dos grandes veículos de mídia impressa do Brasil.

É importante ressaltar que a redução de espaço para o exercício de uma crítica profissional não significa o fim desse gênero. Sobre esse ponto, o texto “É proibido falar mal,”³ publicado no jornal *O Globo*, por um jovem crítico, nos parece ilustração adequada sobre o assunto. No texto, Antonio Marcos Pereira faz algumas reflexões a respeito de manifestações que afirmam a inexistência da crítica literária no País. Partindo do ponto de vista de um leitor de crítica, Pereira procura mostrar que ela existe “em variedade e complexidade” apesar do compadrio amplamente difundido nas resenhas atuais.

Apesar do inconformismo pela falta de embates de idéias e exposição das diferenças e divergências, Antonio Marcos Pereira, que também é professor da UFBA, declara que em sua trajetória de leitor de crítica encontrou mais ilustração que frustração. Ele cita Bernardo Carvalho, José Castello e Nelson de Oliveira como exemplos de críticos contemporâneos comprometidos com a constante reflexão do campo da literatura. Existe, sim, crítica literária especializada no Brasil, afirma Pereira. Também comungamos dessa idéia e o fato de usarmos o texto de um crítico novo, foi para mostrar que além de isso ser verdade, essa crítica é produzida a partir da universidade, ou é a ela interligada.

Partimos da perspectiva de que uma série de fatores concorrem para a reconfiguração da crítica especializada nos jornais, e para o fim dos suplementos. Dentre esses fatores: a linguagem específica das críticas produzidas por docentes, a consolidação de uma cultura acadêmica com produções de saberes restritos às universidades, bem como os interesses editoriais dos jornais, ligados ao uso da cultura como entretenimento.

Quando foi lançado o suplemento Cultural do jornal *A Tarde*, em 1990, a crítica literária já estava consolidada na universidade e a resenha se constituía como gênero predominante nos cadernos culturais. Inserida nessa conjuntura, nosso trabalho pretende, a partir da identificação e análise da produção de textos sobre crítica, refletir

³ PEREIRA. *O Globo* – Prosa e Verso.

sobre esse suplemento no contexto das mudanças ocorridas na crítica literária nos últimos anos.

No que se refere aos jornais, a pesquisa no Núcleo de Estudos da Crítica e da Cultura Contemporânea, um grupo criado para investigar a crítica publicada nos últimos 30 anos em revistas, jornais, livros e na internet, tem sido feita em etapas, compreendendo na primeira, a catalogação e o fichamento de publicações dos últimos 10 anos de cadernos literários e culturais de jornais como *A Tarde*, *Jornal do Brasil*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *Estado de São Paulo* e *Correio Braziliense*. Essa metodologia se justifica pelo interesse do grupo em fazer o acompanhamento das produções a partir do presente. Por isso, no que se refere à pesquisa do *Cultural*, foram abordadas inicialmente as matérias publicadas de 2000 a 2009 para, retrospectivamente, passar à década anterior. A tarefa de catalogação, que parecia fácil e simples, quando da aceitação da proposta, revelou no processo nuances do campo de pesquisa até então desconhecidas. Passamos por algumas dificuldades. Uma delas, no início, porque nos deparamos com a questão do local onde se faria a pesquisa. Uma vez que nos interessava coletar e fichar os textos publicados, os lugares disponíveis apresentavam impedimentos para que isso ocorresse. No setor de arquivo da Biblioteca Central do Estado faltavam alguns exemplares de jornais e, no arquivo do jornal *A Tarde*, onde havia todos os exemplares, não era permitido fotocopiar os periódicos. Então, recorremos à coleção particular de um colega que disponibilizou 60% dos 475 jornais entre 2000 e 2009. Além de agilizar a pesquisa, foi a partir do trabalho nessa coleção organizada e catalogada que constatamos a inexistência de textos metacríticos no suplemento em questão. Uma vez cientes de que não haveria grande volume de textos sobre crítica a serem fotocopiados, retornamos ao setor de arquivo do jornal *A Tarde* para finalizar os 40% restantes, isto é, 190 edições do *Cultural*.

Quanto aos textos publicados no suplemento, destacamos que na edição publicada em 04 de outubro de 2008 encontramos uma série de textos que aludem à vida e à obra Antonio Candido. Trata-se de uma edição comemorativa aos 90 anos deste intelectual, com resenhas, ensaios e depoimentos de outros críticos: Cássia Candra, Adeílato Manoel Pinho, Mirella Márcia Vieira Longo e Rodrigo Cerqueira. Apesar dessas matérias sobre Antonio Candido, percebeu-se que elas constituem exceção no tratamento do tema da crítica, pois, no contexto da pesquisa de 475 jornais, no período

de quase 10 anos, vê-se que o número de textos voltados para a análise desse campo é praticamente insignificante.

Não encontramos textos sobre crítica, também não houve polêmicas, tampouco entrevistas com críticos que não fossem também escritores. Ante os dados, a conclusão seria a confirmação do fenômeno de redução da crítica na imprensa, verificada a partir do final da década de 1970. Mas, se por um lado, este trabalho, enquanto parte de um mapeamento da crítica na imprensa, pretende se somar ao panorama da história da crítica no Brasil, por outro, tem o objetivo de refletir sobre a crítica na Bahia. Neste caso, a análise dos dados deve ser particularizada ao contexto baiano, pois as referências bibliográficas sobre o assunto abarcam o contexto do centro-sul do País. É como se a história da crítica dessa região fosse generalizada como uma única história nacional. Somente uma reflexão contextualizada nos ajudaria a entender a ausência de metacrítica, polêmicas e entrevistas com críticos nas páginas do Cultural. Doravante, o sudeste, sobretudo São Paulo e Rio de Janeiro, servirão como marcos comparativos para se pensar as condições propiciadoras para o surgimento desses tipos de textos em tais lugares.

A consolidação da cultura burguesa no sul do Brasil possibilitou o surgimento de práticas culturais diversas nessa região, como a difusão de produções literárias na imprensa, nos séculos XVIII e XIX, o crescimento e a diversificação de produtos culturais, acompanhado por um crescente número de consumidores desses bens simbólicos. Estes e outros signos modernizadores foram possíveis devido à vinda da Família Real portuguesa em 1808 e, também, devido à disponibilidade de excedente de capital financeiro oriundo do algodão e do café.

A instalação da corte portuguesa no Rio de Janeiro facilitou o progresso econômico e cultural desse estado e de sua adjacência. Outras localidades, porém, não tiveram a mesma sorte no que se refere ao investimento. Assim, enquanto no sudeste houve desenvolvimento urbano-industrial, o nordeste, e particularmente, a Bahia, continuou sendo uma província essencialmente agrária. No setor cultural e intelectual os investimentos também foram insignificantes, pois não geraram transformações sociais. Em contrapartida, no sudeste, já na década de 1930, a existência da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras permitiu o surgimento do crítico acadêmico, que passará a ter função importante nas definições do rumo da literatura do País.

As primeiras conseqüências da especialização da crítica ocorrem na década de 1940 porque, segundo Flora Süssekind,⁴ com o início da crítica moderna podem ser notados os primeiros registros de tensões entre o modelo até então vigente, marcadamente cronista e veiculado nos jornais, com um outro que surgia das universidades, mais especializado. Em verdade, tais tensões revelavam o confronto entre projetos modernizadores distintos. Não havendo tais forças em contraposição na Bahia, então a história da crítica nesse espaço deve ser contada com o uso de outras referências.

Com esse intuito, iniciamos pesquisa sobre a cultura da Bahia para saber como era a dinâmica cultural no estado e, com isso, buscar caminhos para entender por que tal prática não existia no suplemento do jornal *A Tarde*. Nesse sentido, o livro *Tradição, autocracia e carisma: a política de Antonio Carlos Magalhães na modernização da Bahia 1954-1970*, de Paulo Fábio Neto Dantas, e o livro *Avant-garde na Bahia*, de Antônio Risério, são exemplos de ensaios que refletem sobre a modernidade baiana. O primeiro, sob a perspectiva política e econômica, enquanto que o segundo, sob a ótica cultural. Os ícones desse processo modernizador seriam Antônio Carlos Magalhães e o reitor Edgard Santos.

Ambas as obras apresentam a Bahia de final do século XIX e início de XX como decadente no setor econômico e cultural. Para Risério,

a Bahia precisava de uma produção estética de primeira linha, mas necessitava também de meios, instrumentos que permitissem a generalização do processo de cultura (...). A Bahia não teve lugar na primeira onda de modernização urbano-industrial que se armou no país. A estrutura econômica da província permaneceu essencialmente agro-mercantil, apesar da virada reformista que mobilizou o centro-sul do país.⁵

Ante a apatia produtiva e o marasmo cultural no estado, a modernização se apresentava como o único caminho. No plano político, a revolução modernizadora teve nas ações do prefeito Antônio Carlos Magalhães os indicativos de mudança. Para entender a forma como se processou tal revolução, Dantas Neto recorre ao conceito gramsciano de ‘revolução passiva’, que se dá por meio da “assimilação de

⁴ SÜSSEKIND. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. In: p 13-33.

⁵ RISÉRIO. Avant-garde na Bahia. In: p 35-36.

personalidades políticas, ou grupo de oposição, ao bloco do poder.”⁶ Assim, o político ACM foi um dos selecionados para realizar a modernização nacional a partir do alto. Mas ele ultrapassou o script quando alimentou a ambição de criar uma cadeia econômica regional para pôr o Estado sob seu domínio em situação privilegiada entre as regiões periféricas, e com isso, captar excedentes de capital acumulados do sudeste.

Para Paulo F. Neto Dantas, a interpretação da modernização da Bahia possui duas vias teóricas distintas, porém complementares. Uma passiva, lenta, com mudança de longo curso, sem rupturas destrutivas da ordem anterior; outra, conservadora, em que a mudança é conduzida por uma autoridade política, que reprime e se antecipa às ações de grupos opositores, sejam eles da própria elite modernizante, ou de grupos sociais conservadores, oriundos da velha ordem. Ainda que sejam perspectivas distintas, Dantas propõe uma articulação entre elas, que possibilite mostrar que tais vias seriam as possíveis para se oferecer às sociedades periféricas, “às quais não seriam dadas, por razões históricas, condições de acesso ao moderno pela via democrática.”⁷

Quanto à revolução modernizante no campo cultural, Risério demonstra que Edgard Santos foi o grande maestro para a implementação de iniciativas nos setores da produção estético-intelectual. Música, teatro, cinema, arquitetura e artes plásticas são exemplos de produções que despontaram entre 1940 e 1960. As ocorrências culturais do período não se limitam às ações do Reitor, ou da Universidade. Mas, a contribuição desta instituição sob a liderança de Edgard Santos para a vinda de correntes modernizadora de vanguarda foi decisiva para os rumos da cultura no estado.

Não nos cabe, porém, discorrer longamente sobre tais ações, seja as do reitor, ou as do político Antônio Carlos Magalhães. Interessa-nos identificar os marcos modernizantes tardios da Bahia para refletir sobre a produção da crítica literária do estado. Para isso, tanto as transformações políticas e econômicas são importantes, quanto a consolidação dos cursos de nível superior. Mesmo com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ou posteriormente, com o Instituto de Letras, o campo da literatura no estado permaneceu conservador, ou segundo Risério, “tradicional.”⁸

⁶ DANTAS NETO. *Tradição, autocracia e carisma: a política de Antonio Carlos Magalhães na modernização da Bahia 1954-1970*. In: p 23.

⁷ DANTAS NETO. *Tradição, autocracia e carisma: a política de Antonio Carlos Magalhães na modernização da Bahia 1954-1970*. In: p 28-29.

⁸ RISÉRIO. *Avant-garde na Bahia*. In: p 14.

Como exemplos dessa visão tradicionalista, observamos que os textos sobre literatura publicados no suplemento do jornal *A Tarde* geralmente exaltam a vida, a inteligência e o dom dos escritores baianos, bem como a grandeza das obras desses autores, sem explicitar os motivos que justificam tal juízo de valor. Contudo, isso não significa que as obras resenhadas no suplemento não tenham importância. Apenas chamamos a atenção para o silêncio desses textos em relação ao contexto histórico, ou às teorias que poderiam dar conta da literatura em questão.

Durante a pesquisa, o ato de folhear o Cultural procurando em suas páginas os gêneros de nosso interesse, fez com que percebêssemos a recorrência de textos sobre autores locais, fato esse natural em se tratando de um veículo no qual se manteve a linha de valorização do autor baiano. Sobre esse fato, manifesta-se o jornalista Florisvaldo Mattos, editor de 1990 a 2003: “escritor na Bahia é um desamparado, vítima de carências de uma mentalidade que remota aos tempos da Colônia (...). Logo, o Cultural serviu de válvula de escape. E, a meu ver, bem tem servido.”⁹ Predominava no caderno produções sobre escritores e obras como as de Aleilton Fanseca, Fernando da Rocha Peres, Ruy Espinheira Filho, Jorge Amado, Antônio Brasileiro, Godofredo Filho, Sosígenes Costa e Hélio Pólvora. Noutras palavras, a maioria dos textos fazia referência ao cânone baiano, com uma forte presença de membros da Academia Baiana de Letras - ABL.

No caderno Cultural, Hélio Pólvora, Aleilton Fanseca e Ruy Espinheira Filho publicavam quase que mensalmente críticas, resenhas e comentários. Os títulos das matérias dão uma idéia sobre a concepção de literatura e o tipo de abordagem dos conteúdos. “Lições do grande narrador,” sobre o livro *Os galos da aurora*, de Hélio Pólvora, publicado no dia 20 de abril de 2002; “Sem lirismo não há arte,” entrevista com Ruy Espinheira Filho, publicada no dia 15 de julho de 2006; “Há uma áurea que envolve a ABL e deve ser preservada,” entrevista com o contista e jornalista Carlos Ribeiro, publicada no dia 29 de setembro de 2007, são exemplos de matérias que visam reforçar a importância de autores já consagrados, numa concepção tradicional da literatura.

Ante tais informações, perguntamos: Qual a relação entre a editoria do Cultural e a ABL? Qual a implicação de tal filiação no tipo de resenhas publicadas nos suplementos? E mais, por que a presença de críticos praticamente se limita a

⁹ MATTOS. Jornal A Tarde — Cultural. In: p 02

professores-escretores como Aleilton Fanseca e Ruy Espinheira Filho? Por que a quase total ausência de outros docentes teóricos e críticos da UFBA, UNEB e UESC? Fato é que não sabemos responder, pois tais questões possuem relação com nossa pesquisa, porém estão em um universo que extrapola a fronteira que limita nossa investigação.

Ante o percurso que fizemos até aqui, argumentar que a modernização seria o fator preponderante para o desenvolvimento especializado da cultura, não deu conta de esclarecer a inexistência de uma crítica baiana comprometida com a reflexão e com a análise do campo literário. Este juízo se adequou ao contexto do centro-sul, porque lá já havia certas condições para uma autonomia, ainda que relativa, do campo. É fato que a modernização dinamizou e fez surgir inovadoras iniciativas para a arte/cultura da Bahia. Mas, creditar a ela a responsabilidade pela ausência de discussões teóricas e culturais é cometer duplo homicídio ao raciocínio. O primeiro, por desconsiderar peculiaridades no campo das relações do mundo literário baiano. Modo de relacionamento este que possivelmente antecede a onda modernizadora. O segundo crime, por acreditar que a modernização, mesmo que tardia, mesmo que feita de forma imperativa, seria a salvadora dos ‘bárbaros’.

A perda de espaço da crítica especializada na imprensa não é um problema baiano, e sim do eixo Rio-São Paulo. Os argumentos que buscam compreender o estado vegetativo da crítica nos jornais giram em torno de certa formação patrimonialista e cordial, em torno da apatia dos brasileiros pela crítica isenta ou, ainda, em torno da falta de competência do leitor médio burguês. Há também os argumentos que procuram hierarquizar a crítica, atribuindo à universitária um local privilegiado, minimizando outros foros de debates não acadêmicos, como os blogs. Uma vez longe da mídia massiva, esse tipo de crítica se retroalimenta nos *campi* universitários, sobretudo após a expansão da pós-graduação na década de 1970.

Quanto à ausência de metacrítica no caderno Cultural do jornal *A Tarde*, talvez ela se justifique pela falta de oposição declarada publicamente a esse tradicionalismo literário. A cosmovisão conservadora conseguiu manter a ‘essência’ da boa literatura adequando-se às várias mudanças ocorridas no estado até encontrar a sua forma atual. Pelo menos no que se refere aos rasgados elogios presentes nas resenhas críticas no Cultural. Nesse aspecto, o título do texto de Antonio Marcos Pereira, “É proibido falar mal” é a indicação de um possível itinerário para pensar a ausência de crítica especializada nos jornais que aqui circulam.

Com o fim do caderno Cultural do jornal *A Tarde*, já que a última edição circulou no dia 29 de agosto de 2009, e, com o surgimento de um ornitorrinco editorial, misto do Caderno2 com o Cultural, resta esperar para ver se a crítica menos compromissada com os pares ou com o mercado terá vez na imprensa baiana.¹⁰

¹⁰ Agradeço ao setor de Arquivos do jornal *A Tarde* por ter disponibilizado o acervo para a realização desta pesquisa.

Referências

CANDRA, Cássia. Intérprete de um novo Brasil. *A Tarde* — Caderno Cultural, Salvador-BA, p. 03 - 04, 04 out. 2008.

CERQUEIRA, Rodrigo. A dimensão ambígua da memória. *A Tarde* — Caderno Cultural, Salvador-BA, p. 08, 04 out. 2008.

DANTAS NETO, Paulo Fábio. *Tradição, autocracia e carisma: a política de Antonio Carlos Magalhães na modernização da Bahia (1954-1970)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

LIMA, M. M. L. V. ou LONGO, Mirella Márcia. . Notas sobre o Mestre: Antonio Cândido. *A Tarde*- Caderno Cultural, Salvador-BA, p. 06 - 07, 04 out. 2008.

LIMA, Rachel Esteves. O ensaio na crítica literária contemporânea. *Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v.3, p. 35-42, out. 1995.

_____. A crítica literária entre antigas e novas polêmicas. In ROCHA, João Cezar de Castro (Org). *Nenhum Brasil existe*. Rio de Janeiro: Topbooks, Universidade Editora, 2003

_____. *A crítica literária na Universidade brasileira*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte-MG: [s.n.] 1997.

MATTOS, Florisvaldo. Despedida especial para publicação que marcou época. *A Tarde* — Caderno Cultural, Salvador-BA, p. 02, 29 ago. 2009.

PEREIRA, A. M. . É proibido falar mal. *O Globo* – Prosa e Verso, 07 jun. 2008.

PINHO, Adeíto Manoel. Antonio Candido, debate maiúsculo sobre a literatura. *A Tarde* — Caderno Cultural, Salvador-BA, p. 05, 04 out. 2008.

RISÉRIO, Antonio. *Avant-garde na Bahia* São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1995.

SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. In: *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1993, p. 13-33.

Jornal A Tarde, 29 jan. 2005. Caderno/Cultural.

Jornal A Tarde, 29 ago. 2009. Caderno/Cultural.